

# BARTHES, A FILOSOFIA E A SUSPENSÃO DO SENTIDO

Rodrigo da Costa Araújo

SOTO, Luís G.: *Barthes Filósofo*. Galaxia. Vigo. 2015. 144p.

A literatura faz girar os saberes, não fixa, não fetichiza nenhum deles; ela lhes dá um lugar indireto, e esse indireto é precioso. Por um lado, ele permite designar saberes possíveis – insuspeitos, irrealizados: a literatura trabalha nos interstícios da ciência: está sempre atrasada ou adiantada com relação a esta [...]. A ciência é grosseira, a vida é sutil, e é para corrigir essa distância que a literatura nos importa. Por outro lado, o saber que ela mobiliza nunca é inteiro nem derradeiro; a literatura não diz que sabe alguma coisa, mas que sabe de alguma coisa; ou melhor: que ela sabe algo das coisas (BARTHES, 1978, p. 18-19).

*Barthes Filósofo*, de Luís G Soto (2015) é um ensaio aproximativo da semiologia barthesiana com a filosofia. Resultam dessas aproximações uma escrita cristalina e fluida, que desdobra os paralelos entre literatura/crítica literária e filosofia, entre pensamento filosófico e criação estética, lançando, possivelmente, os fundamentos dos pressupostos de Barthes<sup>1</sup>.

Além dessas relações e acompanhando o prazer do texto<sup>2</sup>, os percursos bailarinos e conceitos de Barthes, o crítico admite, também, que cabe falar de um Barthes escritor. Daquele que instala e abraça, na linguagem escrita, um compromisso de um idioleto singular, situado entre a língua como espaço de comunicação comum e o estilo pessoal. De qualquer forma, o viés reforça, como em *Critique et vérité* (1966), que a poética barthesiana caracteriza-se por ser um sistema deceptivo<sup>3</sup>, marcado pela suspensão do sentido.

---

1 Escritor, sociólogo, filósofo e semiólogo, o francês Roland Barthes (1915-1980) foi um dos principais entusiastas do movimento estruturalista e um feroz crítico dos conceitos teóricos que circundaram a teoria literária e a semiologia, a partir dos anos 50.

2 Na pequena obra *Le plaisir du texte* (1973), Barthes detalha melhor o que entende ser essa relação entre fruição, leitura e escritura. Ler seria um momento de entrega, de prazer e deleite e não uma prática passiva.

3 A literatura, para ele, é um sistema deceptivo, conceito que pode ser explicado por suas próprias palavras em *Crítica e verdade*: “O escritor concebe a literatura como fim, o mundo lhe devolve como meio; e é nessa decepção infinita que o escritor reencontra o mundo, um mundo estranho, aliás, já que a literatura o representa como uma pergunta, nunca, definitivamente, como uma resposta” (p. 31).

O viés filosófico na poética de Barthes não se esgota na simples aplicação de metodologias de leituras. Ele, aos olhos de Luís G. Soto, é um ‘exercício de escuta’, num sentido análogo ao da psicanálise, pois se manifesta como uma elaboração do texto que desdobra seus pressupostos e subentendidos. Em outros termos: o que faz da leitura de um texto uma atividade filosófica não é a natureza disciplinar do texto lido, mas o modo como o leitor lê este texto; ou seja, o essencial dessa atividade está no *modus operandi* face às diferentes formas de enunciação de Barthes.

Dentro da complexidade de sua obra, o próprio Roland Barthes discerniu quatro “fases”: mitologia social, semiologia, textualidade e moralidade. Neste livro, o estudioso mapeia a mesma rota do crítico-esteta - feito rubricas metodológicas -, seguindo a ordem cronológica e todos os seus títulos das obras, cujos conteúdos são expostos, analisados e interpretados. Inicialmente, fazem-se uma contribuição inicial à vida do autor e ao contexto de sua obra, depois ressalta-se, no ensaio, que nestes quatro domínios (crítica, ciência, estética, ética) Barthes não preconiza verdades, mas sim, buscas: no caminho dos filósofos clássicos, que ele não possui, mas ele quer e deseja. Feito eles, mais do que ser sábio - ter o saber -, ele é um amante da sabedoria (persegue-a): filosofa, é filósofo. O objetivo de Barthes filósofo é recolher essa variedade, dar razão a ela sem sacrificá-la, colocando-a sob o prisma da filosofia.

A leitura que Luís G. Soto desenvolve, a partir da poética de Barthes, desconstrói o autor para descobrir nele o leitor de outros textos que atuaram como sementes de sua produção. Para o crítico ensaísta é a filosofia/leitura que descobre em Barthes a semente do valor artístico que nutre e justifica a pesquisa científica. Nessa perspectiva, entre Literatura e Filosofia não há divisões, apenas o afrontamento que as desvela ou a fronteira difusa que se coloca para o leitor como desafio que o instiga a descobrir os limites que as envolvem.

A leitura deste trabalho promete apontar, em Barthes, o caminho que o transforma de autor em leitor da filosofia, de crítico, em filósofo. Nessa travessia, o crítico e o filósofo se desafiam, para proporcionar ao leitor de ambos, uma revisão da literatura e da crítica literária a partir da leitura responsável pela descoberta do autor nos textos que lê e pelo filósofo na maneira como descobre esse crítico/ leitor-filósofo. Entre o semiólogo e o filósofo há apenas um disfarce de autores, ambos são leitores sagazes.

Assim, entende-se que as proximidades da Literatura com a Filosofia apontam para a decadência do modelo, da fórmula e o lugar entre, que não vislumbra nem o relativismo absoluto, nem o dogma, seria aquele que não se basearia no congelamento como princípio

necessário da vida, que torna tudo quanto cria uma verdade, um conceito. Seria aquele lugar que, mapeando e perspectivizando sólidas construções, pretensas reunidoras da “verdade” sobre a vida, permitisse a indagação, a pergunta e não exigisse qualquer resposta. Quanto ao título do ensaio, que anuncia ser problematizado e não respondido, sabe-se que Filosofia e Literatura são aquilo que delas dizem, isoladamente. Tais isolamentos incomunicáveis podem, no entanto, como visto ao longo do ensaio, permeabilizar-se, tornar-se fluidos, abrir espaço para o transpassamento de outros saberes, e, sobretudo, permitir a indagação.

*Barthes Filósofo*, de Luís G Soto é um elogio ao semiólogo, lido pela perspectiva da Filosofia. Falar desse recorte, em Barthes, é tarefa delicada. E o autor deste ensaio sabe disso, e sabe, também, que enfrentar o desafio de escrever sobre a filosofia/leitura implica o abandono de certezas absolutas e a imersão no mundo das diferenças, onde quase tudo pode acontecer. Por isso, para além de ser um dos mais importantes teóricos da teoria da literatura, Roland Barthes merece, sem dúvida, um lugar entre os grandes filósofos franceses do século XX.

Luís G. Soto ao final, em *Barthes Filosófico* (2015), reafirmará sua tese, ainda que matizada: Barthes é, portanto, um filósofo. Esse seria o perfil que melhor o define, ainda que se possa afirmar que é, também, “um semiólogo, escritor-filósofo”, ou mesmo um “filósofo-escritor-semiólogo”. Os Barthes são muitos, plurais e diversos, e todos esses perfis - inclusive o de filósofo, proposto nessa elegante obra - convidam à reflexão, à crítica e a saborear o texto caleidoscópico que pulsa na frase filosófica.

## REFERÊNCIAS

- BARTHES, Roland. *Critique et vérité*. Paris: Seuil. 1966.
- \_\_\_\_\_. *Le plaisir du texte*. Paris: Seuil. 1973.
- \_\_\_\_\_. *Crítica e verdade*. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- \_\_\_\_\_. *Leçon*. Paris: Seuil. 1978.

**Rodrigo da Costa Araújo** é professor de Literatura Infantojuvenil e Teoria da Literatura na FAFIMA - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Macaé, Mestre em Ciência da Arte (2008-UFF). Ex Coordenador Pedagógico do Curso de Letras da FAFIMA, pesquisador do Grupo Estéticas de Fim de Século, da Linha de Pesquisa em Estudos Semiológicos: Leitura, Texto e Transdisciplinaridade da UFRJ/ CNPq e do Grupo Literatura e outras artes, da UFF/ CNPq. Coautor das coletâneas *Literatura e Interfaces*, *Leituras em Educação* (Opção 2011), *Saberes Plurais: Educação, Leitura & Escola*, *Literatura infantojuvenil: diabruras, imaginação e deleite*. (Opção-2012) E-mail: rodricoara@uol.com.br